

Mortalidade 11 vezes maior

Pela primeira vez, pesquisadores comparam a taxa de óbitos de bebês com síndrome congênita do zika a de nascidos sem o problema. Eles alertam que a doença, transmitida pelo *Aedes aegypti*, ainda está ativa globalmente

Bebês nascidos com síndrome congênita do zika (SCZ), devido à infecção por esse arbovírus durante a gravidez, correm 11 vezes mais risco de morrer durante os primeiros três anos de vida do que aqueles nascidos sem a síndrome, segundo um estudo publicado no *The New England Journal of Medicine*. A pesquisa foi realizada por equipes da Universidade Federal da Bahia, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e pela Faculdade de Higiene e Medicina Tropical de Londres, na Inglaterra.

Dos quase 11,5 milhões de nascidos vivos no Brasil, 3.308 nasceram com SCZ confirmada ou provável — dos quais 12% (398) morreram no período do estudo (2015 a 2018). Em comparação, dos mais de 11,4 milhões de bebês sem a síndrome, apenas 1% (120.629) sobreviveram. A taxa de mortalidade daqueles cujas mães tiveram zika, portanto, foi mais de 11 vezes maior do que os demais em até 36 meses de idade.

“Muitos podem pensar que o zika é uma doença do passado, mas, apenas em novembro de 2021, houve um surto do vírus na Índia, na cidade de Kanpur, com um aumento de quase 100 casos”, destaca Enny Paixão Cruz, professora da faculdade inglesa e pesquisadora associada da

Fiocruz, além de primeira autora do estudo. “Para os mais vulneráveis em nossa sociedade e país, continua sendo uma preocupação global.”

De abril de 2015 a novembro de 2016, o Brasil foi afetado por uma devastadora epidemia de zika, com uma estimativa de 1,5 milhão de infectados. Houve mais de 3,5 mil casos de microcefalia infantil ou síndrome congênita do zika — uma condição rara, em que a cabeça do bebê é menor do que o esperado, condição, muitas vezes, associada a cérebros subdesenvolvidos e dificuldades de aprendizagem na vida adulta.

Anomalias

O vírus zika é transmitido pela picada do mosquito *Aedes aegypti*. Para muitos, é inofensivo e assintomático, mas, se transmitido da mãe para o bebê através da placenta, pode resultar em bebês nascendo com condições como microcefalia e outras anomalias congênitas, além de disfasia (dificuldade de engolir líquidos e alimentos).

Embora se saiba que a exposição pré-natal ao vírus pode afetar o desenvolvimento fetal e resultar em SCZ, há muito menos dados sobre a sobrevivência e os resultados a longo prazo de crianças nascidas com a

João Carlos Lacerda/Divulgação



Médico examina bebê com microcefalia: condição, comum em crianças cujas mães foram infectadas durante a gestação, leva a comprometimento cerebral

de 32 semanas ou com tamanho menor que o esperado foi igual, independentemente da infecção por zika, observaram os pesquisadores. Além disso, eles não encontraram diferença estatisticamente significativa entre a taxa de óbitos naqueles com ou sem microcefalia.

“Embora os pais devam observar que o risco geral de morte permanece pequeno, nosso trabalho destaca a necessidade de as mulheres serem protegidas contra o vírus e de sistemas de assistência pós-natal bem estabelecidos”, destaca Enny Paixão Cruz. “Intervenções precoces após o nascimento de um bebê com síndrome congênita do Zika podem reduzir os efeitos duradouros na saúde e melhorar as chances de sobrevivência. Agora que identificamos quais bebês provavelmente correm maior risco, precisamos estabelecer cuidados e tratamentos pós-natais para dar a eles a melhor chance de sobrevivência.”

síndrome, em comparação com as demais. Também não está claro o impacto de importantes preditores de risco de mortalidade infantil, como peso ao nascer e idade gestacional ao nascimento, podem nesses desfechos.

Os pesquisadores analisaram dados de mais de 11 milhões de bebês nascidos no Brasil entre

2015 e 2018. Eles exploraram a associação entre taxas de mortalidade e a SCZ, usando informações de saúde pública, registros de nascidos vivos e de óbitos. O país exige que todas as crianças que apresentarem sintomas associados à síndrome, com microcefalia ou outros sinais no sistema central sejam notificadas.

Prematuros

Dos mais de 3 mil bebês nascidos com SCZ, quase 20% eram prematuros, 36% foram classificados como de baixo peso ao nascer e 37% eram pequenos para a idade gestacional. O risco de mortalidade de crianças nascidas antes

Risco alto de falso negativo

A proporção de pessoas com infecção por covid-19 não detectada pelo teste de fluxo lateral (LFT), o exame rápido de antígenos, é grande o suficiente para mascarar dados epidemiológicos reais, segundo um alerta publicado ontem na revista *The British Medical Journal* (BMJ). A análise, liderada por Jonathan Deeks, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, sugere que esse método deixa de diagnosticar até 20% dos casos positivos de Sars-CoV-2.

Os autores reconhecem que os LFTs são uma ferramenta importante no controle da pandemia

de covid-19, mas dizem que as alegações de que esses testes são capazes de identificar a grande maioria das infecções são exageradas. Assim, corre-se o risco de fornecerem falsas garantias para aqueles que procuram descartar a doença.

Dados empíricos mostram que os LFTs apontam o resultado positivo quando o vírus está presente em um swab em grandes quantidades. Portanto, podem detectar pessoas com probabilidade de estarem infectadas. Porém, até agora a proporção de falsos negativos não foi avaliada.

Políticas públicas

O foco do trabalho publicado no BMJ foi identificar a probabilidade conjunta de que as pessoas provavelmente infectadas tenham recebido um resultado negativo no exame rápido. O estudo baseia-se em testes sintomáticos realizados em um centro do Instituto Nacional de Pesquisa em Saúde do Reino Unido, em detecções em massa feitas em Liverpool em pessoas assintomáticas, e no rastreamento de casos entre estudantes da Universidade de Birmingham.

Comparando com resultados

Minervino Júnior/CB/D.A. Press



O exame rápido, usado em rastreamentos em massa, pode levar à subnotificação de casos

» Mais uma vacina

A farmacêutica francesa Sanofi anunciou resultados positivos em grande escala de sua vacina anticovid-19, desenvolvida em parceria com o laboratório britânico GSK, após um ano de testes e adiamentos. Embora os estudos completos ainda não tenham sido publicados, os dados mostram que o fármaco contribui para prevenir a hospitalização relacionada com o coronavírus. Além disso, teria uma eficácia ligeiramente superior a 50% para a covid sintomática.

dos testes de cultura viral, o de teste rápido perderia 20% dos casos positivos detectados no Instituto Nacional de Pesquisa em Saúde, 29% dos rastreados em Liverpool, e 81% da triagem em Birmingham. “Os formuladores de políticas precisam

garantir que o público esteja ciente do risco de ser infeccioso, apesar dos testes negativos, e que esses testes não sejam usados em situações em que as consequências dos resultados falsos negativos sejam consideráveis”, escreveram.

ANTROPOLOGIA

DNA antigo reconta história

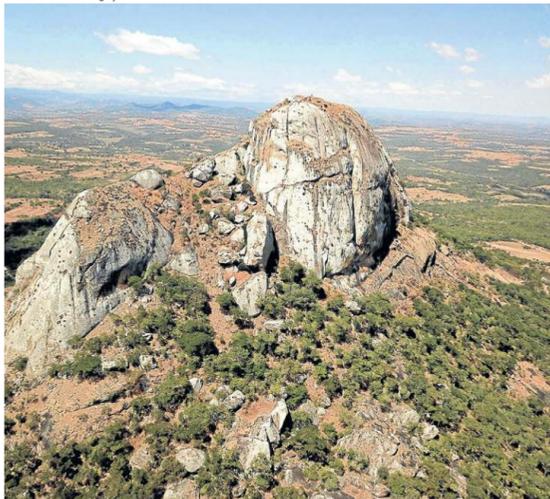
Uma nova análise de restos humanos escavados na África produziu o DNA mais antigo do continente, reescrevendo a história de como os primeiros homens modernos viveram, viajaram e até interagiram entre eles. O artigo, de 44 pesquisadores liderados pela Universidade de Harvard, nos EUA, foi publicado, ontem, na revista *Nature* e relata as descobertas sobre o genoma de seis indivíduos enterrados no Malawi, na Tanzânia e na Zâmbia, que viveram entre 18 mil e 5 mil atrás.

“Isso mais do que dobra a antiguidade dos dados de DNA antigos provenientes da África subsaariana”, disse David Reich, cujo laboratório gerou os dados no

artigo. “O estudo é particularmente empolgante como uma colaboração verdadeiramente igual de arqueólogos e geneticistas”, afirmou. O resultado foi um conjunto sem precedentes de DNA de antigos forrageiros africanos (nômades que caçavam, coletavam ou pescavam).

Graças a esses dados, os cientistas conseguiram delinear grandes mudanças demográficas que ocorreram entre cerca de 80 mil e 20 mil anos atrás. Há 50 mil anos, pessoas de diferentes regiões do continente se mudaram e se estabeleceram em outras áreas, desenvolvendo alianças e redes de longas distâncias para negociar, compartilhar

Jacob Davis/Divulgação



Monte Hora, no Malawi, onde parte dos fósseis foi escavada: material genético dobra a antiguidade dos genomas analisados anteriormente

no Canadá, disse que uma “mudança cultural” dramática ocorreu durante esse período, pois contos, pigmentos e outras artes simbólicas tornaram-se comuns em todo o mundo. Os pesquisadores há muito assumiram que esses movimentos no registro arqueológico de cerca de 50 mil anos atrás refletiam uma alteração nas redes sociais e, talvez, até no tamanho da população. No entanto, tais hipóteses permanecem difíceis de testar. Agora, o DNA antigo fornece informações diretas sobre os próprios indivíduos do passado, que era a parte que faltava no quebra-cabeça.

Os pesquisadores também conseguiram demonstrar que, há cerca de 20 mil anos, as pessoas

pararam de se movimentar tanto. “Talvez seja porque, a essa altura, as redes sociais previamente estabelecidas permitiam o fluxo de informações e tecnologias sem que as pessoas tivessem que se mover”, disse Sawchuk.

“Nosso estudo genético confirma um padrão arqueológico de comportamento mais local no leste da África ao longo do tempo”, disse Jessica Thompson, professora da Universidade de Yale, autora do estudo e uma das pesquisadoras que descobriram os restos mortais. “No início, as pessoas encontraram parceiros reprodutivos de amplos grupos geográficos e culturais. Mais tarde, eles priorizaram os que moravam mais perto, e que eram potencialmente mais semelhantes culturalmente”.

informações e até encontrar parceiros reprodutivos. Essa integração social os ajudou a sobreviver e prosperar, escreveram os pesquisadores.

Redes

Elizabeth Sawchuk, coautora do estudo e pesquisadora da Universidade de Alberta,